Fórum Nacional da Agricultura - FNA

• Dados do Conselho Nacional dos Seringueiros: há 25 mil famílias envolvidas na produção extrativa.

• Entidades associativas: Comissão de Borracha Natural da CNA — Diretoria da Sociedade Rural Brasileira; Associação Paulista dos Produtores de Borracha Natural (Apabor); Associação dos Heveicultores do Estado de Mato Grosso (Ahevea); Associação dos Seringalistas da Bahia (Asserba) e Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) — extrativismo.

Globalização

O setor acredita no mercado globalizado e integrado. Mas é preciso saber se a globalização não deveria estar também interligada na tributação, encargos sociais, impostos etc. Analisando o custo de produção da borracha natural, vemos que aproximadamente 70% se referem à mão-de-obra. Como será possível competir, se temos salários mais de 200% superiores àqueles pagos por nossos mais diretos concorrentes, e encargos sociais mais de 100% superiores?

É preciso dar o tempo necessário à cultura da seringueira e também ao país, para desonerar o setor primário e colocá-lo em condições de igualdade com seus concorrentes.

Orquestração

Restam algumas perguntas sobre os problemas que afligem o setor:

• Por que motivo, quando do acordo do Mercosul, ficamos limitados a exportar 4.500t de pneus a nossos parceiros, ficando a importação ilimitada?

• Por que se demora tanto tempo para julgar um processo de *dumping* de alguns países produtores de pneus de bicicleta? Esse tempo muitas vezes é suficiente para inviabilizar a indústria local.

• Quais as razões de se acatarem liminares de importação de pneus usados, sabendo-se que representam lixo enviado por outros países, e que isso inviabiliza o setor de borracha do país?

• Qual o motivo de não se colocar a borracha natural na lista de exceção do Mercosul? Somos e seremos os únicos produtores.

• Por que a borracha natural consta no PEC (Protocolo de Expansão Comercial Brasil/Uruguai)? É público e notório que o Uruguai não produz sequer um quilo de borracha e, a julgar por seu clima, nunca poderá produzir.

O novo papel do Estado no setor deve implicar ponderação, profissionalismo, agilidade e continuidade.

Não temos dúvidas de que o futuro do FNA será o de aglutinar os maiores agronegócios, mas precisamos de muito mais divulgação e de maior participação de outros órgãos governamentais, como por exemplo: Ministério da Indústria e Comércio, Fazenda e Casa Civil, através da coordenação governamental. O Congresso também é imprescindível, pois poderia garantir a continuidade, obviamente sem criar um superfórum, que de antemão sabemos que não funcionaria. Mas como cada grupo temático tem um interlocutor, no MAA devemos também dialogar com outras autarquias e instituições.

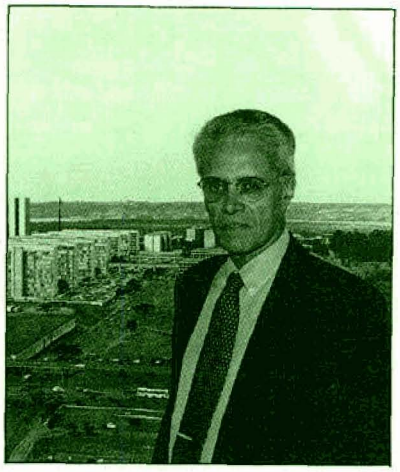
GRUPO TEMÁTICO TRIBUTAÇÃO

Nova política para um novo milênio

FERNANDO REZENDE

O trabalho do FNA tem demonstrado a importância de se fortalecerem as instituições que representam os vários segmentos do agribusiness brasileiro para que os interesses do país possam ser mais bem contemplados no transcorrer do processo de globalização financeira e abertura comercial.

É preciso desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade em cada uma das cadeias produtivas e mobilizar os esforços para que sejam eliminadas as barreiras à entrada de nossos produtos nos mercados internacionais.



A tradicional organização política do setor tem se revelado pouco adequada para enfrentar os desafios deste final de século e início do próximo milênio. É preciso que ela evolua no sentido de sobrepor uma visão de conjunto, com perspectivas de médio e longo prazos, a uma ótica setorial e particularizadora para

FERNANDO REZENDE é presidente do Ipea. Coordenador do Grupo Temático Tributação no FNA.

que melhores resultados sejam alcançados.

Nessa reformulação, o estabelecimento de um novo relacionamento com o Estado joga um papel fundamental. A parceria na defesa dos interesses comuns do setor e do país deve prevalecer, em oposição à demanda de vantagens fiscais e financeiras que não concorram para o aumento da capacidade de competição nos mercados doméstico e internacional. A ênfase na competição é a chave de um longo ciclo de prosperidade e de crescimento.

O modelo que inspirou a criação do FNA está de acordo com a instauração de um moderno processo de relacionamento entre o governo, os setores produtivos que compõem o agribusiness e a sociedade brasileira em geral. A experiência acumulada durante o período de trabalho deste Fórum sugere que ele pode vir a ser transformado em um processo permanente de consultas, com efeitos positivos para a atuação política do setor. Da capacidade do FNA para transformar o resultado de seu trabalho em recomendações objetivas de política, que visem ao interesse geral do setor e do país, é que dependerá a chance de que se defina o perfil de um novo modelo de articulação entre o governo, os setores produtivos e a sociedade brasileira.

Fórum Nacional da Agricultura - FNA

GRUPO TEMÁTICO CACAU

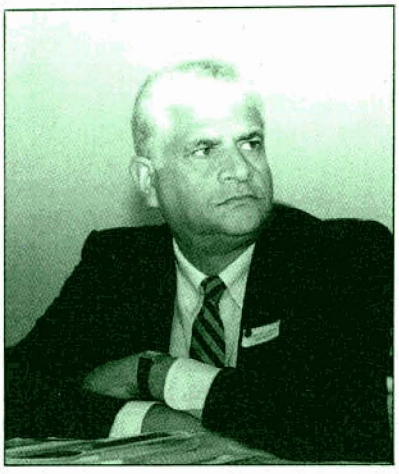
Um antigo mercado global

FERNANDO RIOS DO NASCIMENTO

Alguns indicadores da cadeia produtiva do cacau

- Movimentação financeira da ordem de R$3 bilhões.
- Aproximadamente 600 mil empregos diretos ou indiretos (com todas as atividades funcionando normalmente).
- População diretamente dependente: mais de 3 milhões de pessoas (Bahia, Amazônia e Espírito Santo).
- 35 mil propriedades rurais, 29 mil proprietários.
- Sete empresas de processamento: liquor, manteiga e torta/pó (duas paralisadas).
- 320 fábricas de chocolates e bombons.

FERNANDO RIOS DO NASCIMENTO é presidente da Copercacau Central. Coordenador do Grupo Temático Cacau no FNA.



- 13 cooperativas, inclusive uma central (Sistema Copercacau).
- Duas entidades de produtores (CNPC e ABC) e 92 sindicatos rurais vinculados.
- Uma entidade de processadores, industriais e comerciantes (Comcauba).

A cultura do cacau representa importante patrimônio cultural e imprescindível patrimônio vegetal de interesse da humanidade, já que ponderável porção da Mata Atlântica é preservada graças à natureza conservacionista do cacau.

Em função dessa cultura, o Brasil é o quarto produtor mundial de amêndoas e o quinto chocolateiro do mundo, o que envolve uma movimentação financeira da ordem de US$40 bilhões. É ainda o setor com maior capacidade de resposta em termos de empregos e geração de renda, por seu efeito multiplicador.

Várias são suas associações locais de produtores. Possui uma instituição de pesquisa considerada uma das melhores do mundo em culturas tropicais (Ceaplac); um sindicato de indústrias de chocolates (Sicab); uma entidade nacional de indústrias de chocolate (Abicab); um sindicato de trabalhadores na indústria (Sindicacau); vários sindicatos de trabalhadores rurais e mais de duas dezenas de empresas comerciais exportadoras (algumas paralisadas).